



## O RAP COMO PLATAFORMA DE LUTA SOCIAL E PROTESTO: Uma análise sobre a trajetória do grupo Facção Central

**Ricardo de Brito.**

Universidade Federal de Uberlândia

ricardobritoitba@gmail.com

### **Introdução**

Esta comunicação tem como objetivo analisar o grupo musical de RAP (em português, ritmo e poesia) paulista Facção Central. O grupo surgiu na segunda metade da década de 1980, inicialmente formado pelos integrantes Jurandir e Mag que, posteriormente, foram substituídos por Eduardo e Dum-Dum. Outros integrantes passaram pela formação do Facção Central em sua trajetória e, hoje, conta apenas com o vocalista Dum-Dum. A pesquisa está sendo realizada com a intenção de buscar respostas sobre como o Facção Central se apresenta ao público, com quais temáticas suas letras dialogam e quem são seus principais interlocutores. Como estes jovens periféricos se apropriaram do RAP como plataforma de protesto entre as décadas de 1990 e 2010, dando visibilidade às reivindicações de sujeitos excluídos e as diferentes concepções de mundo presentes na periferia de São Paulo.

A metodologia que será utilizada, consiste na análise da produção dos Rappers com a intenção de apresentar o discurso desses sujeitos que, em vários momentos, se colocam como “a voz da periferia”. Um dos pontos que este trabalho visa abordar é como o RAP vinha sendo exibido nos meios de comunicação e, para isso, serão analisadas algumas colunas de jornais e revistas. Estabeleceremos um diálogo crítico com o referido gênero musical, a partir da trajetória do Facção Central no período selecionado. Algumas das questões que guiam esta pesquisa são: como o grupo de RAP se coloca neste recorte temporal? Suas letras dialogam com o que? Para quem? E como eram retratados nos meios de comunicação?

Estas são as questões que se pretende responder por meio da pesquisa de fontes escritas, entrevistas, álbuns, e apresentações gravadas em vídeo. As fontes que serão



utilizadas não se limitam apenas as produções do grupo em questão, mas do movimento Hip Hop, dos meios de comunicação em geral e de produções acadêmicas sobre o gênero. Em síntese, o objetivo geral deste trabalho é responder a seguinte questão: como esses jovens do Fação Central, situados na periferia de São Paulo, se apropriam do RAP como plataforma de luta social?

### **Desenvolvimento**

A pesquisa enquadra-se no campo da História Social, pois este, prioriza a experiência humana e a distinção de processos dos comportamentos e identidades coletivas. A temática do RAP encontra-se imersa nessa dimensão da disciplina histórica. A metodologia deste trabalho consiste na utilização de diferentes abordagens, como por exemplo a História Imediata e também a chamada História vista de baixo. Para o desenvolvimento do projeto será utilizado também obras de outras áreas do conhecimento, como a antropologia e a sociologia para melhor fundamentar as nossas análises.

Inicialmente, é importante considerar que o tema está inserido em uma vasta produção acadêmica e aqui serão apresentadas algumas considerações sobre parte dessa produção. Entre a bibliografia consultada está a obra de Roberto Camargos, intitulado Rap e Política, onde são analisados os motivos deste estilo musical despertar tanta inquietação e causar tanto incômodo à alguns críticos musicais e, também, à certos setores da sociedade brasileira. Visando fugir das abordagens simplistas sobre o tema, Camargos apresenta um gênero musical carregado de críticas e narrativas do cotidiano de sujeitos periféricos que, ao se apropriarem do RAP, constroem um movimento de resistência cultural e social, denunciando o racismo e a desigualdade social. No capítulo em que o autor faz um Diálogo com as críticas, são apresentadas algumas letras de rappers brasileiros analisando como os jovens negros de várias regiões do país tomaram essa cultura “globalizada” e a transformaram, incorporando elementos culturais de todo o Brasil, contornando as afirmações de que o RAP é uma simples cópia de um estilo musical estadunidense. Segundo Camargos, o RAP brasileiro “não é, simplesmente, uma versão decalcada de um consumo cultural “alienado” (CAMARGOS, 2015, p.55), mas uma mistura dos elementos culturais brasileiros junto à uma gama de críticas contra opressões estruturais da sociedade. Segundo o autor “o modo como a vida social é



experimentada empresta suas dimensões à produção cultural” (CAMARGOS, 2015, p.55) e, portanto, são expressas nas letras dos rappers brasileiros não uma cópia do rap estadunidense, mas uma série de percepções sociais, políticas e culturais próprias da região em que esses sujeitos estão, sem abrir mão de referências internacionais.

Na tentativa de mostrar a riqueza política contida nos discursos dos rappers, Camargos capta o processo que ele denomina como A construção do sujeito engajado, onde, analisando um conjunto de fontes (letras, palestras, entrevistas, jornais e revistas), o autor revela a construção de uma postura crítica e engajada dos sujeitos que compõe o movimento do RAP e do Hip Hop. Para o autor, grande parte dos rappers brasileiros não queriam saber de “besteiras e coisas irrelevantes” (CAMARGOS, 2015, p.79), mas que “a principal preocupação de um compositor de RAP deveria ser a informação, a denúncia, o protesto; em suma, o engajamento” (CAMARGOS, 2015, p.79). Entendido por esses sujeitos do movimento como uma “essência”, essa postura crítica e engajada tornou-se hegemônica em determinado momento da história do RAP, fazendo dessa expressão cultural um meio de expor a violência e a opressão sistemática à qual esses sujeitos estão expostos.

Para compreender o surgimento do RAP e também a esta mesma sigla, as colocações do antropólogo Ricardo Teperman, em sua dissertação intitulada Se liga no som: as transformações do rap no Brasil, são pertinentes. O autor afirma que a palavra rap está presente no dia-a-dia do povo americano há muitos anos e remonta ao século XIX. Devido a seu significado ser semelhante a “bater” ou “criticar” e estar presente na vida dos negros estadunidenses em outras formas de jogos de improviso, a palavra rap acabou se tornando uma sigla, ritmo e poesia, contrapondo-se e desafiando algumas concepções conservadoras que não consideravam o RAP como expressão poética e musical. Teperman também destaca as diversas transformações que se passaram no interior das improvisadas blackparties até a chegada das gravações músicas do gênero, passando pela influência política e cultural do DJ AfricaBambataa e de um dos primeiros grupos de rap, o PublicEnemy. O DJ que ficou conhecido por ser o pioneiro da cultura HipHop, Bambataa, era ex-membro de uma gangue do Bronx, foi o primeiro a juntar os elementos artísticos das festas de rua e das blackparties – DJ, MC, break e grafite no chamado movimento HipHop. Bambataa era fortemente influenciado pelas referências de luta por direitos civis nos EUA e, indignado ao ver a opressão racial e social que os negros eram submetidos, criou, em 1973, a Universal Zulu Nation,



primeiro coletivo de Hip Hop que atrelou elementos artísticos e políticos visando melhorar as condições de vida do povo negro estadunidense.

Os trabalhos de Roberto Camargos e Ricardo Teperman são referências importantes para o desenvolvimento da pesquisa sobre o presente tema. Todos os elementos que compõe as referências aqui citadas servirão como instrumentos e balizas para lançar um olhar sobre o RAP a partir da perspectiva histórica. São colocações acerca do rap que vão para além das afirmações simplistas, buscando observar suas transformações e como o movimento Hip Hop/RAP se constrói como base de luta social e política.

Para compreender a música produzida pelos rappers como um documento, objeto de fundamental importância para se pensar e refletir sobre uma determinada época, serão utilizadas as considerações do historiador Marcos Napolitano em “Pretexto, texto e contexto na análise da canção”, pois, segundo o autor, a canção tem sido um “caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas sobretudo das nossas sociabilidades coletivas mais profundas” (NAPOLITANO, 1998, p.199).

Também serão utilizadas algumas considerações do sociólogo Stuart Hall acerca das identidades e suas transformações, passando por suas três concepções de identidade, sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Sendo o rap uma cultura globalizada e que é parte fundamental da construção da identidade de sujeitos negros e periféricos, as considerações acerca das transformações nas identidades, sobretudo por efeito da globalização, se materializam no RAP e no Hip Hop.

## **Conclusão**

Analisando a produção do grupo verificamos um conjunto de denúncias realizados em suas letras e videoclipes. Uma das hipóteses que levanto é que diferente de alguns grupos de RAP que, atualmente, buscam a produção de videoclipes e músicas visando somente o mercado e o lucro, o grupo que estamos pesquisando tem como prioridade o protesto social, a denúncia, a contestação. Para demonstrar essa postura dos rappers do Facção Central, reproduzo o seguinte trecho: “Suplicar pro gambé derrubando sua porta, não bater na sua mulher, não atirar nas suas costas. Até quando comer resto, lavar banheiro, abrir o boy no meio na ilusão de dinheiro”. Na música em



questão, intitulada *Discurso ou Revolver*, os rappers do Facção Central narram a violência policial e questionam a condição subalterna e o subemprego na capital paulista dos anos 2000.

### **Referências**

NAPOLITANO, Marcos. “Pretexto, texto e contexto na análise da canção”. In: SILVA, Francisco Carlos T. (org.). *História e Imagem*. Rio de Janeiro, UFRJ/Proin-Capes, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. *Rap e Política: percepções da vida social brasileira*. 1.ed. São Paulo. Boitempo, 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

CASTRO, Hebe. “História Social”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 199. P. 45-59.